

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**  
**CURSO DE JORNALISMO**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**BRUNA FALCÃO DOS SANTOS**

**REPORTAGEM ESPECIAL**

**CASINHA DA EMÍLIA**  
**AS CHAMAS QUE AINDA ARDEM**

**São Borja**

**2019**

**BRUNA FALCÃO DOS SANTOS**

**REPORTAGEM ESPECIAL**

**CASINHA DA EMÍLIA  
AS CHAMAS QUE AINDA ARDEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Miro Bacin

**São Borja**

**2019**

**BRUNA FALCÃO DOS SANTOS**

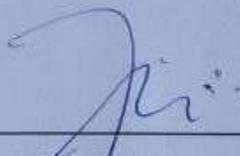
**REPORTAGEM ESPECIAL  
CASINHA DA EMÍLIA: AS CHAMAS QUE AINDA ARDEM**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Jornalismo da  
Universidade Federal do Pampa, como  
requisito parcial para a obtenção do Título  
de Bacharel em Jornalismo.

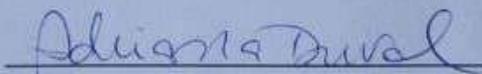
Área de concentração: Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 06/12/2019

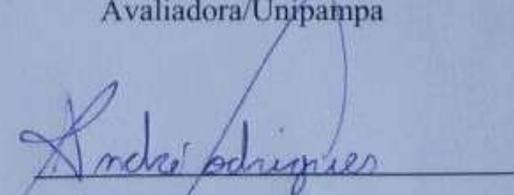
Banca Examinadora:



**Prof. Dr. Miro Luiz dos Santos Bacin**  
Orientador/Unipampa



**Prof. Dr.ª Adriana Ruschel Duval**  
Avaliadora/Unipampa



**André Rodrigues**  
Avaliador Externo/Jornalista

*Dedico esta reportagem aos pais, mães, familiares e amigos das vítimas da tragédia da Creche Casinha da Emília, a qual há 20 anos caiu no esquecimento, embora tenha sido uma das maiores bárbarie do país.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me deu força e sabedoria para chegar até aqui, e por ter colocado pessoas certas no meu caminho durante esses quatro anos de graduação, principalmente pela paz que sempre carreguei comigo e o Senhor fortaleceu;

À minha mãe, Dilma, que fez com que eu nunca desistisse, obrigada por todos os ensinamentos e, principalmente, pela força para enfrentar os dias não agradáveis;

Ao meu pai, Marcus Vinicius, pela preocupação, amor e pelas ligações três vezes ao dia;

À minha avó Maria, por todas as vezes em que me incentivou a ir em frente com os estudos;

Aos meus irmãos, Daniele, Marcus Vinicius Júnior e Maria Eduarda, pelos momentos de descontração através das redes sociais e por fazerem com que meus dias ficassem mais alegres;

Ao meu tio Delmar, por acreditar no meu potencial e que terei grande sucesso nessa profissão que escolhi;

Ao meu tio Danilo, pelo carinho e atenção ao ser recebida em Uruguaiana;

À dona Fátima, por ter me acolhido nos dois primeiros anos em São Borja, sem dúvidas a sua ajuda foi fundamental;

Ao meu bonde, Andressa Batista, Cristiano Ritzel, Eduarda Reolon, Melani Fertoni e Paula Flores, pelos rolês, reuniões, pelas fofocas nos intervalos da aula e até pelas discussões em meio aos trabalhos da faculdade, mas, principalmente, pela amizade que criamos;

Ao Cristiano, mais uma vez, por todo o apoio, companheirismo e amizade verdadeira que criamos ao morarmos juntos, pela companhia do matinho todas as manhãs, por ser o melhor parceiro de rodízio e por estar comigo nos momentos mais difíceis. Eu realmente sentirei tua falta;

Ao meu colega Victor Leandro, pelos momentos de descontração que passamos juntos, pelas risadas, brincadeiras e, principalmente, pelo exemplo de superação de vida que me mostrou nesses anos;

À Universidade Federal do Pampa, por me proporcionar experiências e aprendizados, tanto na vida profissional, quanto no pessoal;

Aos mestres do curso de jornalismo, pelos ensinamentos e por me fazer acreditar e me apaixonar pelo jornalismo;

A todos os amigos que São Borja me deu;

Aos meus amigos de Uruguaiana, por acreditarem no meu potencial e me incentivarem a buscar meus sonhos;

Aos que me concederam entrevistas, apesar do assunto delicado, revivendo lembranças;

Em especial, ao orientador deste trabalho, Prof. Dr. Miro Bacin, por acreditar no meu potencial, por ser uma referência no jornalismo, e confiar nesta reportagem, juntamente com sua esposa, Prof. Dr. Adriana Ruschel Duval, por ser super dedicada, atenciosa e me oportunizar grandes experiências durante a graduação. Sou fã dos senhores e obrigada por tudo!

*“O jornalismo nada é senão a arte de preencher espaços brancos.”*

*(Rebecca West)*

## RESUMO

Esse relatório apresenta a produção de um projeto experimental elaborado em forma de grande reportagem sobre o incêndio na creche Casinha da Emília, ocorrido em Uruguaiana, em 2000. O objetivo principal foi apresentar uma retrospectiva depois de 20 anos da tragédia, repercutindo e atualizando o fato. Buscamos aprofundar o tema, coletando dados e trazendo detalhes, através dos relatos de familiares e profissionais envolvidos na época. O auxílio teórico incluiu o entendimento de acontecimento histórico jornalístico (SODRÉ, 2009; QUÈRÉ, 2005; PONTES, 2009); rememoração jornalística (RICOEUR, 2007; NORA, 1993); uso de fontes (LAGE, 2001; TRAQUINA, 2005); e reportagem (LAGE, 2001; SODRÉ E FERRARI, 1986; KOTSCHO, 2005). A produção mostrou o quanto essa tragédia marcou a vida dos uruguaianenses e provocou impacto para além do âmbito local, repercutindo nacionalmente de forma abrangente. E o quanto a ocorrência de incidentes do tipo – incêndios em creches – continuam acontecendo, dentro e fora do país, envolvendo crianças indefesas e adultos negligentes.

**Palavras-Chave:** Creche Casinha da Emília; reportagem; rememoração jornalística; incêndio; Uruguaiana;

## RESUMEN

Este informe presenta la producción de un proyecto experimental preparado en forma de un informe importante sobre el incendio en el Jardín Casita de Emilia, que ocurrió en Uruguayana, en 2000. El objetivo principal era presentar una retrospectiva después de 20 años de la tragedia, reflejando y actualizando el hecho. Buscamos profundizar el tema, recolectando datos y brindando detalles a través de los informes de familiares y profesionales involucrados en el momento. El apoyo teórico incluyó la comprensión del evento histórico periodístico (SODRÉ, 2009; QUÈRÉ, 2005; PONTES, 2009); recuerdo periodístico (RICOEUR, 2007; NORA, 1993); uso de autores (LAGE, 2001; TRAQUINA, 2005); y reportaje (LAGE, 2001; SODRÉ Y FERRARI, 1986; KOTSCHO, 2005). La producción mostró cuánto esta tragedia marcó la vida de los uruguayanos y tuvo un impacto más allá del nivel local, con repercusiones nacionales. Y cuánto continúan ocurriendo estos incidentes, incendios de guarderías, tanto dentro como fuera del país, que involucran a niños indefensos y adultos negligentes.

**Palabras Clave:** Casa de Emilia; reportaje; recuerdo periodístico; fuego; Uruguayana;

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
2.1	Acontecimento histórico jornalístico .....	14
2.2	Rememoração jornalística .....	16
2.3	Uso de fontes.....	19
2.4	Reportagem .....	21
<b>3</b>	<b>APROXIMAÇÃO EMPÍRICA DO OBJETO .....</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>CONSTRUÇÃO DO PROJETO EXPERIMENTAL .....</b>	<b>24</b>
4.1	Entrevista .....	24
4.2	Processo de produção .....	24
4.2.1	Pré-produção .....	24
4.2.2	Produção .....	26
4.2.3	Pós-produção .....	26
4.2.4	Identidade visual .....	27
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E APRENDIZADOS.....</b>	<b>27</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Todos os anos, a sociedade se depara com acontecimentos que fogem do padrão da realidade e que, muitas vezes, se tornam até difíceis de acreditarmos que realmente aconteceram. A brutalidade ou detalhes sórdidos de determinadas tragédias e desastres fazem com que a impotência dos que sofreram com esses episódios seja ainda mais sentida pelo ser humano. Notícias dessa natureza recebem atenção de toda a mídia, por apresentarem os requisitos dos valores-notícia ensinados com base nas teorias do jornalismo; por esse motivo, ganham espaço nos veículos de comunicação do mundo todo.

A cobertura jornalística é intensificada em casos trágicos, seguindo a máxima de que “notícia boa é notícia ruim”. A maioria dos telejornais, rádios, jornais impressos e portais de internet incrementam as informações para gerar uma atenção ainda maior do público. Essa ampla curiosidade e necessidade de obter cada vez mais dados sobre determinado assunto estão relacionadas aos tipos de temas que despertam interesse e que geralmente, são os eventos que fogem à normalidade. O gênero dramático, trabalhado pelos gregos, mostra que este é, em grande parte, a representação dos conflitos humanos. Não foi por acaso que Aristóteles é considerado o pensador que melhor trabalhou a tragédia por meio das ações esforçadas e grandiosas da humanidade. Para o filósofo, a mais bela e emocionante tragédia é aquela em que os fatos se desenrolam de maneira complexa, gerando o temor e a compaixão do público.

Tragédias em creches no Brasil continuam acontecendo, mesmo depois do incêndio na creche Casinha da Emília, em 20 de junho de 2000, na cidade de Uruguaiana, localizada Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Na época, o fato alertou sobre os cuidados para se evitar a repetição do drama em outras Instituições de Educação Infantil (IEI).

As creches, nos tempos atuais, são entendidas como instituições sociais dentro de um contexto de socialização complementar ao da família. Seu papel é o de proteger e assegurar cuidados de higiene, alimentação, educação e saúde em um clima afetivo, estimulante e seguro às crianças de três meses a seis anos.

Não foi o que ocorreu naquele dia, duas décadas atrás. O fogo que atingiu uma das salas de uma creche da periferia da cidade matou 12 crianças entre dois e três anos de idade. Apenas um da turma sobreviveu, pois não estava no local no momento. Não demorou para o incidente chegar à mídia. As primeiras informações foram divulgadas por uma rádio local. Com a

repercussão, a imprensa regional e nacional já trabalhava intensamente em busca de novos detalhes.

Presenciar o caos na cidade foi um desafio para o grupo de profissionais envolvidos – como bombeiros, médicos, jornalistas e professoras que, mesmo 20 anos após a tragédia, ainda recordam a cena como uma das mais impressionante de suas carreiras e, principalmente, de suas vidas. A tragédia ainda marca alguns moradores da cidade, mas outros acabaram esquecendo.

Com a motivação de mexer nesse tema, produzir memória e investigar a situação atual é que fomos na direção de uma produção especial sobre o assunto. A ideia é contribuirmos com a comunidade uruguaianense, a partir de um conteúdo bem apurado e aprofundado, a ser posteriormente oferecido ao principal jornal local, por ocasião da data dos 20 anos do fato. Também para nós essa experiência de reportagem em profundidade, investigativa, envolvendo uma pauta dramática e impactante, foi uma oportunidade de experimentação e amadurecimento que em muito significou nesse percurso de formação acadêmica.

Na sociedade atual, o papel do jornalista é o de elucidar e transmitir informações para o público. Nesse sentido, muitas reportagens tendem a ser grandes peças jornalísticas, atendendo uma necessidade de apresentar fatos e seus desdobramentos. Para Nilson Lage (2011), a reportagem é o aprofundamento do tema a ser abordado, em que o jornalista deve contar a história com o maior número de informações possível.

De acordo com Traquina (2005), o jornalismo está associado ao dever de informar o imediato, à tarefa de espelhar a realidade, já que vivemos em uma sociedade democrática. Diante dos 20 anos do incêndio, nossa intenção foi, justamente, colocar o jornalismo a serviço do cidadão, para levar até ele o que ele não tem acesso direto, em seu cotidiano. Novamente recorremos a uma máxima muito ouvida: “O que não é visto, não é lembrado”. Quando a mídia não mostra algo, não pauta seus leitores. Se o assunto do incêndio não é manchete, não volta ao pensamento da população uruguaianense. Mas se nós propusermos uma abordagem, e ainda mais uma reportagem especial, estaremos convidando o leitor/cidadão a pensar, saber mais e refletir sobre o tema.

Dessa maneira, nosso objetivo, acima citado, descrito e justificado, esteve conectado, neste projeto experimental, com o enfoque experimental (ou problema de pesquisa) de investigar fontes de informação da época, bem como dados relacionados à situação atual do

caso, para levantar informações satisfatórias à produção de uma reportagem em profundidade sobre o assunto.

A seguir vamos apresentar conceitos e subsídios teóricos que embasaram nosso preparo para a realização desse estudo e dessa prática.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste capítulo mostra-se o pensamento de autores sobre o tema escolhido, estes referenciais possibilitou uma maior dimensão do estudo e ajudou de forma significativa a realização da reportagem. Buscou-se identificar os conceitos teóricos como: Acontecimento histórico jornalístico, Rememoração jornalística, Uso de fontes e Reportagem.

### **2.1 Acontecimento histórico jornalístico**

Os fatos jornalísticos são pautados por acontecimentos que mostram a realidade. Uma vez apropriado pelo discurso jornalístico, o fato passa, então, a ser visto enquanto um acontecimento. Encontram-se acontecimentos de diversas naturezas e eles são transformados em notícias por possuírem determinada relevância, que é percebida pelo jornalista. O jornalista, por sua vez, tem a principal função de coletar informações de interesse público. Conforme Muniz Sodré (2009), a notícia que o jornalista produz não é o fato em si, mas o relato de um acontecimento factual.

Real ou fictício, o acontecimento é a referência apropriada por uma sequência de enunciados cronologicamente ordenados, alterando-se a técnica de apropriação de acordo com o gênero em que se manifeste a narrativa. Na notícia, que é estratégia ou gênero discursivo essencialmente jornalístico, o acontecimento referido obriga-se ser verídico (real-histórico, portanto) e a obedecer à técnica corrente prática do jornal. O real da notícia é a sua “factualidade”, a sua condição de representar um *fato* por meio do *acontecimento* jornalístico. (SODRÉ, 2009, p. 27)

Sodré adota a concepção de Kant, no qual o fato é um conceito para objetos cuja realidade pode ser provada. Isso na prática explica que o acontecimento pode ser visto como sinônimo de fato-histórico. Sendo assim, afirma que “enquanto o acontecimento se pauta pela atualidade, isto por uma experiência singular na temporalidade do *aqui e agora*, o fato, mesmo inscrito na história, é uma elaboração intelectual” (2009, p.33).

Dessa forma, o leitor precisa ser cativado, por isso é necessário oferecer a ele algo que se identifique com o assunto abordado, que chame a atenção do leitor e que faça se inteirar com a pauta. Por esse motivo, o jornalista precisa humanizar a notícia, já que o verdadeiro

acontecimento se faz com pessoas. De acordo com o sociólogo Louis Quéré (2005), apenas por meio da colaboração dos personagens o público terá curiosidade em saber o que realmente se passa com o outro, pois aqueles que são afetados pelo acontecimento passam a vivenciar outras experiências - e essas experiências, de certa forma, acabam tocando outros indivíduos que se sentem abordados e acabam sendo atraídos por ela.

O acontecimento entra, portanto, na experiência, não somente como fato, mas ainda como termo de uma transação. O acontecimento e aquele a quem ele acontece são, ambos, coisas que 'se tornam' no quadro de uma transação, embora o seu 'tornar' seja muito diferente. Uma pessoa não se limita a suportar um acontecimento: responde-lhe, salvo quando prevalece o suportar – ela pode então ser submersa pelo que lhe acontece, embrutecida ou siderada (QUÉRÉ, 2005, p. 65).

Grandes tragédias são fontes de infinitas possibilidades de investigação por meio dos jornalistas. Ler conteúdos sobre catástrofes que atingem um grande número de pessoas faz com que o leitor queira saber mais sobre o assunto e entre em contato com os sujeitos que a vivenciaram. Esse contato acontece através da relação do jornalista com as fontes. Nesse sentido, algumas matérias – como sobre enchentes, desabamentos e incêndios – apresentam acontecimentos repleto de valores-notícia. O rompimento da barragem em Brumadinho, Minas Gerais, em 25 de janeiro de 2019, é um recente episódio do tipo.

Segundo Nelson Traquina (2005), acontecimentos assim trazem uma série de valores-notícia, dentre os quais o mais importante talvez seja o impacto: o quantitativo de mortes. O autor ressalta que “onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa” (2005, p. 79). Além disso, Traquina (2005) considera relevância e notabilidade como dois outros valores-notícia importantes.

Definitivamente, todas essas características deram um forte teor de relevância jornalística para os veículos de comunicação. Por esse motivo, os jornalistas precisam explorar o máximo possível de informações sobre aqueles assuntos que são uma fonte de valores-notícia. Contudo, os profissionais têm o poder de saber quais fatos têm potencialidades para compor as páginas de jornais e sites de notícias. Às vezes, os fatos acidentais podem interferir com grande alcance no movimento histórico. O jornalista é responsável para que o fato tenha sentido, por isso opta por buscar respostas para as perguntas bases que norteiam a produção cotidiana da profissão, como as do lead: O que? Quem? Onde? Como? Por que? Quando?

Através dessas respostas, o profissional tem como fazer uma narrativa atraente para que o leitor compreenda o que o jornalista quer explicar. Para Nilson Lage, “o que ele precisa

considerar é se o fato ou acontecimento é notícia, isto é, se desperta ou encerra a dose necessária de interesse público” (LAGE, 2011, p. 30). Por isso, é necessário que seja realizado um encadeamento de ideias, fatos e declarações, assim o público tem acesso ao acontecimento narrado e é capaz de compreender e interpretar.

O processamento mental da informação pelo repórter inclui a percepção do que é dito ou do que acontece, a sua inserção em um contexto (o social e, além desse, toda informação guardada na memória) e a produção de nova mensagem, que será levada ao público a partir de uma estimativa sobre de que tipo de informação esse público precisa ou qual quer receber. Em suma, o repórter, além de traduzir, deve confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade. (LAGE, 2005 p. 09)

É necessário esse processo, pois só assim o jornalista consegue fazer com que o leitor tenha vontade tomar conhecimento do assunto. Os indivíduos só vão querer saber do tema e se interessar por ele quando existir a participação dos personagens ou quando se tratar de algo impactante. Segundo Felipe Simão Pontes (2009),

O jornalismo coloca-se como o mediador que possui a tarefa de trazer esse acontecimento exterior para a interioridade do texto, dando-lhe o destaque pertinente à importância que esses fatos tomam para o público em geral. Concomitantemente, o jornalismo é um lugar em que o acontecimento transforma-se em texto. Um texto é considerado transparente, com uma ética que lhe seria inerente. É, portanto, intrínseca a concepção de verdade e uma correspondência entre os fatos e os relatos, ou seja, uma visão realista. (PONTES, 2009, p. 35)

No jornalismo, a ideia mais usada para conceituar o que é um acontecimento tem relação com os fatos que ocorrem na realidade próxima ou conhecida, suas causas, consequências e estrutura. O jornalista é um mediador que traz o acontecimento para a profundidade do texto, dando destaque ao assunto e relevância social. Desta forma, o acontecimento existe em função do relato feito dele. Portanto, é justamente na construção do relato que a história e a comunicação se encontram.

## **2.2 Rememoração jornalística**

A memória é o armazenamento e lembrança daquilo que é ganhado por meio da experiência. Ela é extremamente importante na vida das pessoas, já que o consentimento de memórias é aprendizado. Normalmente a tragédia traz uma série de lembranças que ficam guardadas em nossa memória e expõe um assunto que mexe com todas as pessoas e que geralmente não é muito aceitável: a perda. As lembranças da nossa mente são sempre revividas e ascendidas, através de imagens, documentos e vídeos que remetem ao passado. Segundo Paul

Ricoeur (2007), a memória traz os dados mnemônicos, que possibilita o ato de refletir e de repensar em algo.

Com o intuito de entender o dever de memória e o imperativo de justiça, Paul Ricoeur (2007), em *A memória, a história, o esquecimento*, mostra que o dever de memória diz respeito a uma obrigação, imperativo, gerando um laço estreito com a justiça como sentimento de dever a outros.

É a justiça que, ao extrair das lembranças traumatizantes seu valor exemplar, transforma a memória em projeto; e é esse mesmo projeto de justiça que dá ao dever de memória a forma do futuro e do imperativo. Pode-se então sugerir que, enquanto imperativo de justiça, o dever de memória se projeta à maneira de um terceiro termo no ponto de junção do trabalho de luto e do trabalho de memória. (RICOEUR, 2007, p. 101).

A justiça ligada ao jornalismo faz com que a memória da sociedade seja revivida, através de diversos assuntos abordado pela imprensa, o que desperta a busca por respostas, principalmente quando se trata de temas que tocam o ser humano – como as tragédias. Para o autor, acontecimento é uma memória ligada ao luto, à perda e, principalmente, à vontade de justiça. O “dever de memória” pode ser interpretado como “dever de fazer justiça à vítima”, em que adquirimos uma dívida e que possuímos a obrigação de pagá-la. Para Ricoeur (2007), o perdão quebra a dívida, mas não o acontecimento do fato.

Nesse sentido, a memória visaria o passado construído e transmitido por várias representações. Contudo, o jornalismo auxilia na interpretação e na reinterpretação da sociedade, já que é impossível captar e assimilar tudo o que está ao redor. O jornalista utiliza os critérios de noticiabilidade para selecionar o que, no futuro, estará disponível à população, priorizando que a memória coletiva não desapareça – pois o que não é registrado, não será lembrado.

A preocupação com o esquecimento do ocorrido cede espaço à difícil superação do que ocorreu. Aparentemente, já não se trata da convencional invocação da memória pelo jornalismo como presentificação de um passado ausente, mas de um imperativo, de uma questão intrínseca ao acontecimento, remetendo-nos, agora, à expectativa de um futuro de ausências. Ricoeur (2007) se ocupa pela representação do passado pela memória e chama a atenção para os parâmetros de rememoração e imaginação.

A permanente ameaça da confusão entre rememoração e imaginação, que resulta desse tornar-se imagem da lembrança, afeta a ambição de fidelidade na qual se assume a função veritativa da memória. (...) e no entanto, nada temos de melhor que a memória

para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança (RICOEUR, 2007, p.06)

É importante destacar a memória coletiva e individual. A coletiva é formada por alguns aspectos que fazem parte de uma sociedade – por exemplo, datas específicas, episódios históricos de grande relevância e monumentos de personagens da história. Contudo, a memória coletiva é mais do que uma simples lembrança do passado: através dela se cria uma identidade de uma comunidade. A memória coletiva está relacionada à opinião pública, porque alguns acontecimentos são lembrados pelo conjunto da população, que reforça a memória através de comemorações públicas de fatos que marcaram a história coletiva.

Já a memória individual é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências. Ricoeur (2007) interpreta a memória individual como um processo que corresponde a um tempo “anônimo”, situado entre o tempo privado e público, ou seja, a memória individual contém aspectos da memória dos grupos sociais, em que ela se formou e foi socializada.

O filósofo Pierre Nora (2000) descreve a memória como um fenômeno natural e que está sempre em evolução.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, sensível a longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução da sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo dividido no eterno presente; a história uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares materialmente ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica (...) A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só reconhece o relativo. (NORA, 1993, p.03)

De acordo com Nora, devido à facilidade e à agilidade da nossa experiência cotidiana, a relação que as pessoas continuam com o passado está mudando, já que a experiência está sendo revista e essas narrativas de memória possibilitam uma volta ao passado. Contudo, o jornalismo está estreitamente ligado à memória do ser humano, pois através dele podem se reviver inúmeras histórias e com diferentes sentidos. Por isso, o autor caracteriza o “Lugar Memória” para reforçar e inventar uma identidade coletiva ou para preservar apenas a memória.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilâncias comemorativa, a história depressa os varreria. (NORA, 1993, p.13)

Lugares-memórias têm referência a tudo aquilo que se preserva historicamente, algo que guarda a memória de um povo, comunidade ou instituição. É onde a história está sendo preservada. Por isso, documentos e elementos contam e lembram alguma história, auxiliando para que não caia no esquecimento e que seja valorizada por diversas gerações. Sendo assim, o jornalismo ajuda nessa compreensão histórica da memória do ser humano, já que por meio dele se pode obter inúmeras informações sobre determinado assunto.

### **2.3 Uso de fontes**

Atualmente, vivemos numa sociedade que se caracteriza pela crescente evolução da internet e das novas mídias. A mobilização e o excesso de informação que circula nas redes digitais lançaram novos desafios e transformaram o ecossistema midiático, ameaçando, por vezes, as rotinas e os conteúdos jornalísticos. O acesso universal à informação, a instantaneidade, a interatividade, o fator tempo e o multimídia afetaram as mudanças que o jornalismo vem sofrendo em uma era de convergência. Mesmo assim, nem tudo se modificou. A relevância das fontes para o jornalismo continua permanente e essencial nessa sistemática.

As fontes dão vida ao jornalismo, pois através delas são contadas boas histórias. Para os profissionais de comunicação é gratificante quando as fontes estão dispostas a contar suas histórias e passar informações necessárias para uma produção. Mas sempre é necessário prevalecer a ética quando se trata de fontes. Nelson Traquina (2005, p. 190) considera que, para os jornalistas, “qualquer pessoa pode ser uma fonte de informação”, ou seja, uma fonte é qualquer um que forneça informações, podendo estar envolvido no acontecimento ou ser apenas testemunha da ocorrência. Para o autor,

Um dos aspectos fundamentais do trabalho jornalístico é cultivar fontes. O desenvolvimento da relação com a fonte é um processo habilmente orientado com paciência, compreensão e capacidade de conversação sobre interesses comuns, até formar um clima de confiança (...) um jornalista pode competente sabe que as fontes são, geralmente, pessoas interessadas. Para aliviar a fiabilidade da informação, os jornalistas utilizam diversos critérios na avaliação das fontes, nomeadamente 1) a autoridade; 2) a produtividade; e 3) a credibilidade. (TRAQUINA, 2005, p. 191)

As fontes não são todas iguais nem têm o mesmo grau de importância. A relação entre a fonte e o jornalista se assemelha a um duelo constante ou a uma relação de sedução e poder. Enquanto as fontes disponibilizam a informação no formato que pretendem que seja divulgada, os jornalistas também só as procuram para retirar determinadas informações que lhes sejam convenientes.

Neste projeto foi essencial trabalhar com seriedade junto às fontes, pois com um assunto delicado é crucial o tratamento cuidadoso com os entrevistados. Para os personagens desta reportagem foi extremamente difícil falar sobre o assunto, já que estavam resgatando a memória de um caso de 20 anos atrás. A conquista da confiança dos entrevistados foi fundamental, pois somente assim conseguimos questioná-los, colher dados, depoimentos e obter respostas legítimas. O autor Nilson Lage (2011) salienta que fontes podem mentir ou falar a verdade, por isso todo o profissional tem de estar atento a cada uma delas. O autor classifica como testemunho o uso das fontes que abordamos na reportagem, já que o testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva.

De modo geral, o testemunho mais confiável é o mais imediato. Ele se apoia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa; para guardar fatos na memória de longo prazo, a mente os rescreve como narrativa ou exposição, ganhando em consistência o que perde em exatidão factual [...] Um bom princípio – comprovam os estudos de probabilidade – é só confiar inteiramente em histórias contadas por três fontes que não se conhecem nem trocaram informações entre si. Toma-se como verdade, aí, o que é o mínimo comum aos três relatos, separando o que é fato do que é versão ou interpretação. O testemunho singular (o que um viu e outro não) deve ter a fonte citada. (LAGE, 2011, p. 29)

Nesse sentido, é importante que o repórter só confie, inteiramente, em determinada história, depois de ouvida a mesma versão por, no mínimo, três fontes. E que elas nunca tenham trocado informação entre si e também não possuam ligação nenhuma. Dessa forma, é possível identificar o que é fato, versão ou interpretação.

É preciso considerar também o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, visto que através dele o repórter consegue fazer o trabalho à risca e desse jeito evitando cometer erros. Contudo, o jornalista não pode se comprometer e nem participar da ação. O código defende os valores que os profissionais precisam zelar durante o exercício de suas atividades e cada diretriz fala por si. Conforme o Art.2º, inciso II, a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público. Além disso, o jornalista não deve colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha.

## 2.4 Reportagem

Diferente da notícia, que faz parte do dia-a-dia do jornalista e tem um caráter de ineditismo, a reportagem traz detalhes explícitos, já que para ser produzida demanda mais tempo. O conteúdo é sempre mais extenso e completo do que o das notícias, tendo a intenção de mostrar vários lados da história. A reportagem é considerada o grande momento da informação aprofundada, em que o jornalista pode usar todas as ferramentas possíveis para fazer a complementação do texto. Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), o tempo da notícia é determinante para a disseminação do fato, já o da reportagem tem a finalidade de contar os bastidores por trás da história, expor uma situação e interpretar fatos.

Fator determinante para a circulação de uma notícia é o *tempo*: o fato deve ser recente e o anúncio do fato, imediato. Este é um dos principais elementos de distinção entre a notícia e outras modalidades de informações. Aqui, talvez, um aspecto importante ao diferenciar notícia de reportagem: a questão da atualidade. Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja predominantemente informativo. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 18).

Os autores ainda acrescentam que tanto um fato recente, quanto um assunto polêmico, ou acontecimentos de anos atrás podem ser temas abordados em grandes reportagens. “Um fato importante acontecido há cinco ou dez anos poderá ser ‘comemorado’ por uma reportagem, que reproduz em casos que tenham despertado, na época, um interesse expressivo e mantenham ainda certas condições de curiosidade ou importância histórica, como por exemplo a morte do presidente Kennedy” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 18). É importante salientar que o assunto da reportagem especial abordado aqui é de grande importância histórica para Uruguaiana e ainda desperta certa curiosidade nos moradores da cidade.

Em face disso, é fundamental entender sobre reportagem e suas exigências. Este gênero textual trabalha com matérias mais extensas, que procuram explorar um assunto em profundidade, cercando todos seus ângulos. Além do mais, precisam de um maior tempo para serem elaboradas e publicadas. Para Sodré e Ferrari (1986), a reportagem é

[...] onde se contam, se narram as peripécias da atualidade – um gênero jornalístico privilegiado. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa. Este laço obrigatório com a informação objetiva em dizer que, qualquer que seja a reportagem (interpretativa, especial, etc.), impõe-se ao redator o “estilo direto puro”, isto é, a narração sem comentários, sem subjetivações. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 9)

Para o autor Nilson Lage (2011), reportagem é o trabalho em que o jornalista pode aprimorar os fatos e tem a liberdade para escrever o texto.

A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia. (LAGE, 2011, p. 31)

Ricardo Kotscho (2005, p. 71) considera que as grandes reportagens significam investimento, além de dedicação e paciência por parte dos jornalistas. “Elas têm esse nome não só porque realmente são grandes, em número de linhas e de páginas de jornal – cada uma delas daria um livro à parte -, mas também porque este tipo de reportagem significa um investimento muito grande, tanto em termos humanos, para o repórter, como financeiros, para a empresa”. Além disso, o autor salienta que as grandes reportagens estão acabando por acusa de recursos financeiros e por ocuparem mais tempo do que as matérias corriqueiras na rotina dos jornalistas.

A chamada grande reportagem está desaparecendo dos nossos jornais. Além de custarem muito caro na fase de produção, estas matérias ocupam muito espaço, um espaço redacional cada vez mais rarefeito em todos os grande jornais. E há cada vez menos repórteres dispostos a encarar o desafio de entrar de cabeça num assunto, esquecer tudo o mais para, no fim, ter o prazer de apontar uma boa história. A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras mais sagradas da burocracia – e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romance, de entrega, de amor pelo ofício. (KOTSCHO, 2005, p. 71)

Sabemos que, para fazer a produção de grandes reportagem, o jornalista precisa estar disposto a uma profunda pesquisa sobre o assunto a ser abordado. Por isso, muitos veículos de comunicação não trabalham com reportagens especiais, já que é necessária um amplo tempo para a produção.

Toda reportagem pressupõe interpretação e investigação... A reportagem trata de um assunto determinado, a informação é mais extensa, mais completa, mais rica na trama de relações entre os universos de dados. A informação jornalística é o espaço privilegiado da reportagem especializada (LAGE, 2011, p. 51).

Ainda de acordo com Lage (2011), a reportagem deve conter imagens, gráficos, intertítulos e frases curtas, entre outras características. Além do mais, para o jornalista ter uma boa reportagem precisa possuir uma linguagem clara e objetiva, visto que o propósito desse tipo de texto é atingir e ser compreendido por todos. Sodré e Ferrari (1986, p. 67) também ressaltam a importância de uma boa abertura no início da reportagem, para assim deixar o leitor mais entusiasmado pelo texto: “A abertura destina-se basicamente a chamar a aten o do leitor e

conquistá-lo para a leitura do texto. Costuma-se usar palavras concretas, frases curtas, incisivas e afirmativas, estilo direto. Quando possível, indica-se de saída o ângulo mais importante”.

Baseado nesse contexto, afirma-se que a reportagem precisa de riqueza de detalhes, diálogos, personagens e fontes. É fundamental que o repórter esteja disposto a ir a fundo no tema, fazer uma boa pesquisa de campo e entrevistar o máximo de pessoas. Além disso, a reportagem deve conter características como humanização do relato, texto de maneira impressionista, clareza dos fatos narrados e predominância da forma narrativa. Somente assim, o jornalista será um bom contador de histórias.

### **3 APROXIMAÇÃO EMPÍRICA DO OBJETO**

Para a realização deste projeto experimental foi preciso fazer um levantamento sobre acontecimentos históricos, reportagem, relação com fontes, rememoração jornalística, linguagem utilizadas, tipos de gêneros textuais e técnicas utilizadas.

Em uma primeira análise para elaboração desta reportagem, fizemos um levantamento de dados de tudo o que possuía nas mídias referente à tragédia. Com isso, se percebeu que as únicas publicações encontradas foram de jornais e com pouco aprofundamento no assunto. Primeiramente, a notícia do incêndio, em 2000, da Folha de São Paulo, que realizou cerca de 12 publicações sobre o assunto, e o Diário do Grande ABC. Além disso, jornais locais fizeram diversas reportagens sobre o incêndio, em que muitos repórteres da época se dedicaram somente para isso, já que a tragédia era um dos assuntos mais comentados no Brasil.

As últimas informações foram publicadas em 2013 e 2016, quando foi noticiado sobre as mudanças que ocorreram na creche e sobre um jovem sobrevivente que pertencia a outra sala de aula - o menino foi relatado como sendo o verdadeiro sobrevivente. Também não foram encontradas quaisquer informações sobre a situação atual dos familiares, indenizações e o verdadeiro sobrevivente.

Fazendo essa coleta de dados, se percebeu pouca apuração dos fatos e falta de interesse dos jornalistas locais em mostrar um assunto de extrema importância para a cidade. Para a produção do presente projeto experimental fomos atrás de várias fontes, para fazermos entrevistas com familiares, moradores e profissionais que atuaram no dia da tragédia. Precisávamos atender às premissas da grande reportagem e apresentar uma nova e ampliada visão sobre o assunto.

## **4 CONSTRUÇÃO DO PROJETO EXPERIMENTAL**

Neste capítulo apresentaremos as características do desenvolvimento do projeto, com o foco no experimental e nas etapas do processo. Também citaremos os entrevistados e a ligação deles com a tragédia na Casinha da Emília.

### **4.1 Entrevista**

A entrevista é de extrema importância para a construção do presente projeto experimental. Sabemos que através dela conseguimos adquirir conhecimentos e descobrir informações sobre o tema abordado. Para Marconi e Lakatos (2000), ela é o encontro entre duas pessoas, através do qual se pode obter informações sobre determinado assunto, por meio de uma conversa profissional. É um método utilizado na coleta de dados, investigação ou análise de um problema social.

Encontram-se diversos tipos de entrevistas, que variam conforme o objetivo do entrevistador. De acordo com Gil (2008), as entrevistas podem ser classificadas em: informais, focalizadas, por pautas e formalizadas. Para esta reportagem utilizou-se a entrevista informal, onde as perguntas foram amplamente exploradas, através de uma conversação mais natural. A ideia era oferecer maior liberdade para os entrevistados, assim tentando descobrir detalhes deles e do assunto em questão.

A participação dos entrevistados foi fundamental para a construção do projeto. A narrativa se deu através de relatos, principalmente daqueles que, de certa forma, têm uma ligação mais próxima com as vítimas, como os familiares. Também foi importante ir em busca de novos relatos, através dos profissionais que atuaram naquele dia, como bombeiros, médicos, policiais, jornalistas e moradores.

### **4.2 Processo de produção**

Para a criação desta reportagem foi necessário dividir em três os processos de elaboração, sendo eles: a pré-produção, a produção e a pós-produção.

#### **4.2.1 Pré-produção**

O presente projeto iniciou-se, primeiramente, através da definição do tema. Depois disso, foi realizada uma pesquisa documental, verificou-se o que possuía sobre o assunto em

todas as plataformas, sejam elas reportagens ou notícias na internet, impressas, audiovisuais ou radiofônicas. Por se tratar de um assunto polêmico e triste para os moradores e familiares de Uruguaiana, foi essencial um cuidado especial com essa produção.

Identificou-se que muitas pessoas não sabiam e não sabem a verdadeira história do incêndio na Casinha da Emília. Por haver muitas especulações sobre o que aconteceu no dia, resolvemos escutar a versão de diversas pessoas. Mas, antes de qualquer entrevista, realizamos uma ampla pesquisa sobre o assunto, para que soubéssemos o que perguntar, como direcionar a conversa e de que forma lidar com os entrevistados.

Também utilizamos a rede social Facebook, uma grande e rápida ferramenta para a descoberta de possíveis fontes. Por meio dela foram encontrados familiares e profissionais. A partir disso foi criada uma lista com os possíveis entrevistados e efetuados os primeiros contatos com eles. Cabe destacar que na primeira conversa, no qual era exposto o assunto, algumas fontes se recusaram a responder, justamente por se tratar de um tema delicado e ainda dolorido para elas.

Conforme as entrevistas foram sendo realizadas, mais descobertas e informações iam surgindo. No início da proposta, eram para ser entrevistadas, aproximadamente 30 pessoas, mas com o tempo curto, alguns sem disponibilidade de horário e outras sem residir em Uruguaiana, acabamos reduzindo esse número e contatando apenas aquelas que realmente participaram no dia do incêndio. Também foi feita uma viagem para Porto Alegre para fazer entrevista com o sargento Alves. Através dele conseguimos o contato dos outros profissionais que atuaram no dia. É importante salientar que, até o dia de fechamento da reportagem, seguimos entrando em contato com as fontes.

Com o intuito de deixar as entrevistas mais leves e menos cansativas, já que se tratavam de um assunto dramático, optamos por realizar as entrevistas presenciais, em ambientes da preferência do entrevistado, sendo em suas respectivas casas ou locais de trabalho. Também foram realizadas entrevistas via ligação telefônica e WhatsApp, visto que algumas fontes não residem mais em Uruguaiana. As entrevistas foram marcadas conforme a disponibilidade das fontes. Tudo foi realizado com extremo cuidado e responsabilidade.

Todos os áudios das entrevistas foram captados por um gravador de celular com boa qualidade e mediante autorização dos entrevistados. A duração das entrevistas variou entre 30min e 1h. Posteriormente, todas foram transcritas para darmos início ao texto. Algumas

imagens foram capturadas a partir do mesmo aparelho celular, modelo Moto G4 Plus, e outras com a câmera Canon Rebel EOS T3. Também foram fotografadas imagens dos jornais da época e dos materiais cedido pelas mães no decorrer das entrevistas. No total foram realizadas 17 entrevistas e 71 imagens, entre prints e fotografias, utilizadas para a construção desta grande reportagem.

#### **4.2.2 Produção**

A transcrição das entrevistas foi a primeira etapa para a produção da reportagem. Conforme as entrevistas foram sendo realizadas, a decupagem delas também era feita. Isso para facilitar o trabalho e ajudar na hora da escrita. Além disso, os trechos que mais cumpriram com o propósito do trabalho foram sendo separados e colocados em um documento no Drive. Os documentos fotográficos foram editados e salvos em uma pasta com identificação de cada subtítulo determinado. A narrativa da reportagem foi adotada conforme as transcrições iam sendo finalizadas.

A elaboração do texto foi acompanhada pelo professor orientador, que pensou junto na escolha gráfica da reportagem e em quais imagens iriam compor os textos. Além disso, foi realizada uma pesquisa precisa na internet sobre outros incêndios ocorridos no Brasil e no mundo, o que acrescentou à matéria. Por se tratar de uma grande reportagem e que precisa de uma atenção maior para os detalhes, as revisões eram feitas diariamente, e somente após toda estruturada, partiu-se, então, para a diagramação, realizada por um colega de curso, Cristiano Ritzel.

#### **4.2.3 Pós-produção**

Com a reportagem finalizada, foi realizada a revisão final e enviado o arquivo para a gráfica. Apenas um exemplar foi impresso, na empresa Ale Xerox, no valor de R\$ 70,00, por motivo de contenção de custos. Este ficará como exemplar-piloto para apresentarmos ao jornal de Uruguaiana ao propormos a publicação alusiva aos 20 anos da tragédia, bem como ficará nos nossos arquivos para portfólio. Também será levado no dia da banca, para ser apresentando aos avaliadores e demais participantes.

Buscamos, nesta reportagem especial, um conteúdo estruturado, com imagens e textos, cores de acordo com a temática e uma diagramação que desperta interesse do público. Dialogamos com o diagramador para que trabalhasse na direção de um produto com ares

modernos, mas respeitoso, que concentrasse informação, mas não fosse cansativo. A seguir vamos explicitar nossas diretrizes de identidade visual que nortearem essas questões.

#### **4.2.4 Identidade visual**

A identidade visual para a reportagem precisou seguir uma linha mais sóbria e limpa, com baixa diversidade de cores ou ícones. Mas sempre pensando em um design que chamasse a atenção do leitor e que lhe instigasse. A capa deveria retratar algo que fizesse alusão ao tema proposto, trabalhando com o preto, letras e ícones em branco e vermelho. Destacando em branco (paz, pureza e inocência - cor de luz) 12 crianças, em forma de bonecos, mostrando que ainda permanecem vivos na memória dos familiares – e o destaque para o sobrevivente.

No decorrer da reportagem, trabalhamos com os tons que remetem ao fogo - laranja e vermelho-, mas sempre com suavidade, utilizando a transparência ao destacar trechos importantes. A reportagem foi impressa em folha A3, sulfite, com impressão a laser, totalizando 28 páginas A4.

### **5 RESULTADOS E APRENDIZADOS**

No primeiro momento foi necessário definir para qual plataforma este trabalho seria realizado, já que poderia ser tanto para o meio digital, quanto para o impresso. Desta forma, pensamos na proposta impressa, com o objetivo de um futuro oferecimento à publicação por parte da mídia local. Se, por um lado, a reportagem impressa possa parecer mais acessível, por outro ela determina certa exigência ao profissional que a elabora.

A reportagem se constituiu de forma interpretativa, com um texto humanizado, mantendo a linguagem jornalística. A narrativa está dividida em subtítulos, na qual o leitor consegue se inteirar sobre o assunto e, assim, tira suas conclusões. Procuramos trabalhar no projeto com detalhes, informações precisas, já que nossa coleta de dados foi minuciosa em relação a essa tragédia, para que assim não houvesse deslize do sentido original. Ainda que a tragédia tenha caído no esquecimento para muitas pessoas, ela ainda permanece viva na memória dos familiares. Por isso, a nossa total dedicação durante esses nove meses de produção e a busca intensa por mostrar a verdade possível dos fatos.

Percebemos que temáticas como essa são raramente abordadas nos veículos de comunicação, principalmente nos jornais da cidade local, pois são necessários investimentos, paciência, tempo e dedicação por parte das empresas e dos jornalistas. Pensando nisso,

elaboramos este trabalho com total comprometimento, pois seria uma forma de, enquanto Universidade, contribuirmos à mídia com um produto bem constituído, mostrando o potencial dessa parceria entre Unipampa e mercado jornalístico.

Um outro ponto a evidenciar são as principais dificuldades encontradas para a realização deste projeto. O contato com os familiares foi o principal obstáculo, mesmo com as informações de nome e endereço, algumas vezes não foi possível encontrá-los. Muitos casais se separaram, morando em outras cidades e alguns até mesmo faleceram. Por causa disso, resolvemos optar por um recorte: abordar relatos de quatro mães que estavam totalmente dispostas a falar, pela primeira vez, tudo sobre o incêndio.

Todas as mães, irmãos e tios foram flexíveis ao falar do incêndio, mesmo que envolvesse a perda de um familiar. Contudo, fomos surpreendidos com tamanha revolta dessas mães, em razão do silêncio sobre a tragédia.

No início, a ideia era conseguir conversar com todos os envolvidos, principalmente com as funcionárias condenadas e com o sobrevivente. Entramos em contato diversas vezes com elas, mas sem retorno, apenas a diretora da creche conseguimos encontrar e nos foi informado que ela não possui autorização médica para falar sobre o assunto.

Quanto ao sobrevivente, Matheus, fomos mais uma vez surpreendidos. Soubemos que estava preso - o que se tornou impossível entrevistá-lo, por motivos de segurança. Mesmo assim, fomos até a residência de sua mãe, realizamos diversas ligações, mandamos mensagens, mas tudo sem retorno. Resolvemos colocar na matéria as informações que tínhamos sobre o rapaz, com base nos depoimentos do processo e nas decisões do Diário de Justiça Eletrônico, junto imagens dele quando criança.

Outro fator que dificultou a produção foi a disponibilidade de tempo para os entrevistados, principalmente aqueles que não moram mais no município. O silêncio da prefeitura de Municipal de Uruguaiana também deixou a desejar, já que esta era uma das mais relevantes fontes para sabermos a situação atual dos precatórios da cidade. Apesar de alguns desafios encontrados, a reportagem se manteve na proposta inicial, fazendo uma retrospectiva do fato com seus desdobramentos.

Consideramos que conseguimos elaborar um produto de qualidade e do ponto de vista do conteúdo, acreditamos que concluímos com o propósito: uma reportagem completa, apesar

de um assunto doloroso, finalizada em 28 páginas, número bastante significativo para uma reportagem especial. Por fim, acreditamos que este trabalho jornalístico contribua para a formação de novos leitores, ajude na compreensão do assunto, acenda um alerta nas autoridades, e mostre que reportagens como esta precisam ser cada vez mais produzidas, para o esclarecimento da sociedade.

No decorrer do curso de Jornalismo somos ensinados sobre as diversas maneiras de trabalharmos com o jornalismo e as nuances que ele possui. Mas quando se trata de um assunto como este, o profissional precisa usar o máximo de suas capacidades intelectuais e físicas. O equilíbrio emocional é importante. Sendo assim, tivemos de dobrar a dose de coragem para trabalharmos com a pauta do incêndio na Casinha da Emília. Um tipo de assunto que mesmo profissionais tarimbados ainda não conseguem lidar bem. Nesse sentido, o projeto experimental resultou em uma reportagem especial que, mais que um Trabalho de Conclusão de Curso, foi, para nós, um aprendizado de vida.

## 6 REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. São Paulo: Atica, 2005.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCONI, M. De A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2000.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**. São Paulo: Summus Edito- rial, 1986.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2 ed; 2005.

### Sites acessados

NORA, Pierre. “**Entre memória e história: a problemática dos lugares**”. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>> Acesso em: 10 nov. 2019.

PONTES, Felipe Simões. **Teoria e História do Jornalismo: desafios epistemológicos**. Florianópolis SC, 2009. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30374057.pdf>> Acesso em: 06 out. 2019.

QUÉRÉ, L. **Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento**. Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000121&pid=S1982-2553201300030001700026&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000121&pid=S1982-2553201300030001700026&lng=pt)> Acesso em: 10 nov. 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. Disponível em: <<http://www.brapi.inf.br/index.php/res/v/80697>> Acesso em: 20 nov. 2019.